

UM CORPO COM DEMASIADOS ORGÃOS

Há o risco de se entender este conjunto de pinturas como uma família em decadência, unida pelo peso da repetição de costumes sustentados pela habitação de um espaço comum. Na minha óptica, deverão ser apreciadas pela sua força colectiva e funcional, fruto da repetição de um mesmo jogo, muito embora aparentem seguir regras díspares dadas as diversas qualidades das imagens.

Vejo o Rui Castanho como um desvairado cientista, insistente na repetição dos mesmos ensaios, dos mesmos procedimentos, destinado à falência de resultados científicos por escolher objectos de estudo sem recorrer a ferramentas outras que não a emoção. O mundo está-lhe a bater assim, diz-me. Di-lo tanto quanto ao sentido partilhado da emoção vivida, quanto ao sentido colectivo da vivência da emoção e quanto à inconsequência da qual surge a escolha das imagens-motivo.

Dentro da sua cientificidade incoerente, o Rui replica estruturalmente o seu programa que se inicia, a cada vez, com uma distinta imagem inicial. Resultado do rigor com que segue esse mesmo programa, encontra a cada ensaio laboratorial, um diferente resultado pictórico.

O mistério violento dessa emoção acende as imagens nas quais a pintura se inicia, mas é de notar que esta paisagem não foi inventada; a emoção atravessou já o artista, todos os seres sencientes e, de forma transversal, tudo quanto há do que é passível de ser vivido. O conteúdo emocional que as permeia é então o que as agrega, o que as faz resultar enquanto exposição, e não a técnica dentro da disciplina à qual pertencem. A carga emocional que recuperam para si é humanóide por, também elas, sentirem com consciência de que sentem. São também por isso dadas ao tagarelar alcoviteiro e intervêm numa mesma conversa produzindo uma cacofonia disfuncional dado que cada uma delas detém um singular código de linguagem.

Reunir imagens de diferentes universos e perguntar “que emoção é esta?” é o modo encontrado pelo Rui para iniciar o salto no desconhecido, para dar o passo na direcção da procura da verdade científica exterior a si, motivado pela risível vontade de adivinhação do futuro que, redundante seja a frase, está ainda por vir. Na minha óptica, está a construir um corpo com demasiados órgãos. Um corpo inverso ao corpo esvaziado dos seus órgãos. Um corpo que não apenas funcione mas supra funcione dada a sua excessiva maquinaria. Pelos processos e operações que foi seguindo à risca, o Rui coseu órgãos a órgãos e encontrou esta exposição emotiva que agora nos mostra. Uma exposição frustrada, excitada, confusa, prazerosa, misteriosa.

A cada coisa que um órgão em particular traz ao corpo, a técnica muda, espelha a especificidade desse mesmo órgão, e essa viragem funcional marca o próprio programa de constituição de um corpo de pintura. A origem esvanece-se: imagens e afectos iniciais multiplicam-se, atravessados por fantasmas, reproduções e transposições das imagens entre meios e materiais, e pelo reconhecimento de uma potência para a pintura. Seja isto assim: o Rui reúne imagens oriundas de vários universos - um fotograma de um filme, uma captura de ecrã de um videoclipe, um desenho antigo, uma fotografia inconsequentemente capturada - que são depois sujeitas a várias operações contraditórias que a fixam num estado em que a latência para a pintura está em ponto de caramelo. Apenas aí parte para a pintura-acção, para pincéis esfregando-se na superfície da tela, muito embora tenha a pintura-processo sido iniciada num marco temporal muito anterior, anterior até à escolha e ao recorte destas imagens de entre um muito mais extenso arquivo de imagens recolhidas à força da afectação. Torna-se evidente que o que está em causa na escolha destas num universo muito maior de

THE PLACE WHERE THE LIGHT IS BEST SEEN RUI CASTANHO

19.04.24 a 01.06.2024

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt

imagens são as qualidades da própria imagem e como poderão ser trazidas para o espaço circunscrito da pintura. Passam, conseqüentemente, a ser evidentes questões como: como se traduziria numa pintura o estado gasoso desta imagem? A elipse estrutural relembra sistemas maquímicos, engrenagens e coadunação de gestos fabris.

Voltando ao estúdio, o espaço laboratorial destas experiências, é renovada a cada dia a surpresa da manutenção e resultados destas operações, processos e sistemas. Que merda é esta, a que se sente? Ainda estou a descobrir, confessa-me. A definição da estrutura é o desafio e a acendalha do gesto, o desconhecido disruptivo do encontro da diferença e da semelhança, o que move os vários e retomados inícios. A partir do momento em que se aproxima do que ainda não sabe - dessa procura científica do conhecimento do intangível - poderá, por hipótese, abrir caminho para campos de afecção alheios. Se, noutros momentos do seu percurso, o Rui encontrou os motivos da pintura na sua própria prática - em desenhos antigos ou na virtualidade das imagens interiores que o assolam em permanência - decide, por agora, que o ponto de partida para a pintura se situa fora de si, fora do seu lugar de conhecimento e previsão de acção técnica e permite-se agir no campo da descoberta. Não da imagem, mas da linguagem, e da linguagem nos vários dialectos, idiomas e sons que a especificidade da pintura permite: Babel no espaço da tela.

THE PLACE WHERE
THE LIGHT IS BEST SEEN
RUI CASTANHO

19.04.24 a 01.06.2024

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt

No percurso do Rui é esta uma exposição-resumo - um aceleracionismo processual que deseja o que há-de vir como corpo de obra. E pergunta: Para onde vamos todos juntos? (E por isso, onde vou eu?); Como nos emocionaremos ainda? (E por isso, como me emocionarei eu?). A exposição é sinal dos tempos: a confusão, contradição e polarização político-emocional que vivemos, grita e guincha boatos.

O que há é Nada.

Não procura a mimetização, mas a compreensão das matérias mais justas para cada carne para cada corpo para cada imagem. A tentativa de controle é desfeita no diálogo com o material. São esses mesmos processos que definem a pintura: são o corpo com demasiados órgãos. Tudo permanece em constante actualização à medida que adiciona um novo órgão no funcionamento deste organismo. Ou seja, a constituição deste corpo é, se considerarmos um corpo tradicional, completamente disfuncional, como se a boca estivesse já a meio do trato intestinal. Andam o corpo, a carne do corpo, o esqueleto da imagem de referência, e todos os órgãos em funcionamento, em constante tensão entre a distância que o espectador coloca entre si e a janela, a pintura do Rui. Vemos da lambidela à badalhoquice - cada órgão visto ao perto - toda a paisagem: esse corpo com demasiados órgãos.

Há sentido para a existência emocional? O Rui está à procura, nestas pinturas, desta resposta. Nomeia o desespero com títulos há já muito apontados em cadernos e notas, sintomas da premonição que lhe permite continuar a ciência quimérica. Distante ainda de descobrir na sua estrutura programática a consequência dessa nova cientificidade, adiciona órgãos, para que o corpo supra funcione, à espera que *funcionar mais* possa dizer *sentir melhor*.

Catarina Real